

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

The challenges of teaching and the impact of digital culture on new journalistic practices

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



ROSA MARIA DALLA COSTA¹
ALINE TAINÁ AMARAL HORN²
LUIS OTÁVIO DIAS³

RESUMO

Frente às Novas Diretrizes Curriculares de Jornalismo, o artigo propõe analisar as implicações da formação acadêmica nas práticas jornalísticas atuais. O estudo integra uma pesquisa internacional realizada no âmbito do projeto de cooperação entre a Universidade de Lyon 2 (França) e a Universidade Federal do Paraná (Brasil). Ancora-se nas concepções teóricas do jornalismo digital e das perspectivas do mundo de trabalho do jornalista do século XXI, tendo como objeto de estudo as versões brasileira e francesa do site de notícias *The Huffington Post*. Na pesquisa de campo, foram utilizados como instrumentos metodológicos, formulários e entrevistas, direcionados a jornalistas e editores-chefes. Conclui-se que as transformações da profissão do jornalista resultantes de práticas e habilidades inovadoras na era digital aparecem como desafio para o ensino e a aplicabilidade das Novas Diretrizes Curriculares.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Jornalismo. Jornalismo digital. Novas práticas jornalísticas.

ABSTRACT

In view of the New Curriculum Guidelines of Journalism, the article proposes to analyze the implications of academic formation in current journalistic practices. The study integrates an international research of the cooperation project between the University Lyon 2 (France) and the Federal University of Paraná (Brazil). It's anchored in the theoretical conceptions of digital journalism and the perspectives of the journalist's work world in the 21st century, and it has as object of study the brazilian and french web news portal of *The Huffington Post*. As methodological instruments, forms and interviews were applied to journalists and editors. As a conclusion, the transformations of the journalist's profession verified by innovative practices and skills in the digital culture appear as a challenge for the education and the applicability of the New Curricular Guidelines.

KEYWORDS

Journalism teaching. Digital Journalism. New journalistic practices.

Recebido em: 30/09/2016. Aceito em: 13/12/2016.

¹ Pós-doutora em Comunicação pela Universidade Paris 13. Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Paris 8. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professora associada do Departamento de Comunicação Social da UFPR. E-mail: rmdcosta@uol.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1640182812385830>

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Jornalismo pela UFPR. E-mail: jornaline@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4753187317771359>.

³ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela UFPR. Professor do curso de Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: fototavio@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0143755995635075>.

1 INTRODUÇÃO

As sociedades do século XXI estão cada vez mais midiaticizadas em um universo digital repleto de redes e com imensuráveis possibilidades de acesso ao conhecimento. Conseqüentemente, com a passagem do analógico para o digital, as transformações no campo da produção e seleção das notícias trouxeram implicações no modo de fazer jornalismo. O que se vê hoje são novas práticas jornalísticas que surgem e se reinventam a cada dia com a expansão da internet e dos avanços tecnológicos: a questão do tempo, da qualidade e do tratamento do imenso fluxo de informações, adquire novos formatos em todos os veículos de comunicação, em particular, nas redações online.

Reflexo da atual cultura digital, o portal web de notícias *The Huffington Post* (HP), jornal produzido exclusivamente para o meio digital, quebrou paradigmas até então vigentes e trouxe algumas inovações ao jornalismo de internet. A proposta editorial diferenciada que destaca temas relacionados ao empoderamento da mulher, comunidade LGBT, pluralidade, visibilidade à parcela negra da população, assim como a inserção de comentários das redes sociais nas próprias notícias, a não obrigatoriedade de lançar uma informação em primeira mão, a curadoria do conteúdo, entre outros aspectos, demonstra que o canal de notícias rompe diariamente com o modo tradicional de fazer notícia, tendo como característica predominante a interação com o público.

Entre as versões do HP pelo mundo, considerou-se, como objeto de estudo a versão brasileira e francesa do portal, decorrente da pesquisa realizada no âmbito de um acordo internacional⁴ que integra equipes de diferentes países. Neste artigo, serão apresentados os resultados de um recorte de estudos que busca analisar as lacunas entre o ensino do Jornalismo e as novas práticas jornalísticas vigentes. A pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo ocorreu primeiramente no Brasil, na sede da redação do *HuffPost Brasil*, em São Paulo. Inicialmente foram encaminhados formulários online aos jornalistas e, posteriormente realizaram-se pessoalmente entrevistas com os profissionais da equipe e com o editor-chefe, Diego Iraheta (2015). Em um segundo momento,

⁴ Pesquisa internacional sobre as novas práticas jornalísticas decorrente de um convênio firmado entre o programa JADN – Journalisme à l'heure du numérique – da Université Lumière Lyon 2 (França) e grupos de pesquisa brasileiros CLICK-UFPR/INCOM-UTP.

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

realizou-se uma entrevista com o diretor de redação do *Le Huffington Post*, na França, Paul Ackermann (2016).

Propõe-se um olhar investigativo direcionado à formação do jornalista e seus desdobramentos no mundo de trabalho, considerando as Diretrizes Curriculares Nacionais que entraram em vigor em 2013, que definem o perfil do profissional jornalista e as competências que ele deve ter para cumprir o seu papel na sociedade. O site de notícias *The Huffington Post* aparece, neste contexto, como um modelo de negócios para o jornalismo em que as fases de produção, divulgação e tratamento da notícia sofreram mutações. Outro fator importante está na relação do veículo com o público, agora participativo de todo esse processo.

2 AS PERSPECTIVAS DAS NOVAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS NO AMBIENTE DIGITAL

206

Presenciam-se hoje nas redações online práticas que se desenvolvem na mesma proporção que a expansão da internet, afetando diretamente o ensino e o modo de fazer jornalismo. Para acompanhar as transformações da profissão, questiona-se: afinal, quais seriam então as novas habilidades e práticas jornalísticas vigentes na web? É possível listar inúmeras delas, mas coloca-se em destaque nesse artigo aquelas que têm como pilar a colaboração e a interatividade, características marcantes do meio digital, tais como: a produção de notícias tendo como ponto de partida a interação do público, a curadoria de conteúdo, o jornalista multifuncional, o fortalecimento das redes, a interação com o público a qualquer hora, a familiaridade com ferramentas da internet e aplicativos, a assiduidade com domínio estético de conteúdo da reportagem, a intensa utilização de vídeos, fotos, gráficos e animações.

O que está em discussão quando se fala nas novas práticas jornalísticas são as questões que envolvem o fazer notícia, que passa a exigir do profissional um maior domínio de habilidade audiovisual, num ambiente com fluxos contínuos de dados à disposição e no qual a audiência tende a ser mais participativa e crítica a respeito do produto notícia. É o que afirma Guzzo (2012,

p. 17) ao enfatizar que a *agenda-setting*⁵ se modificou no atual cenário midiático com a massificação das redes sociais e a abundância da informação circulante na web, passando a ter influência de novos sujeitos e 'portões'.

O público passa a ter em mãos um rico material que o possibilita fazer inúmeras interpretações sobre um mesmo assunto, colocando na mesa seus prós e contras. Com mais liberdade de acesso ao conhecimento e às escolhas de navegação, tem mais autonomia para encontrar seus próprios meios de informação, seja acessando portais de notícias, blogs, *YouTube*, sites colaborativos, redes sociais, fóruns, entre outros tantos links disponíveis no universo ciber. Segundo Primo (2007, p. 4), a escrita coletiva online e o processo de *tagging*⁶ demonstram que a abertura para o trabalho colaborativo na web oferece uma dinâmica alternativa (não uma substituição) ao modelo de produção. Embora Alves (informação verbal)⁷ afirme que "algumas pessoas cometam atos de jornalismo" (o que não quer dizer que sejam jornalistas, como ele mesmo ressalta), Meditsch (informação verbal)⁸ utiliza a expressão "cegueira branca" para chamar atenção para o excesso de informação da mídia disponível na rede, que tem contribuído para um processo de deseducação da população. Em outras palavras, a informação, fonte de luz e de esclarecimento, em excesso, ao invés de elucidar, está caminhando na contramão do que fato propõe: conscientizar.

Afirma-se, portanto, que um dos maiores desafios do jornalismo de internet seja justamente dar conta das informações líquidas, que ora surgem e se desfazem em uma fração de segundos, a citar, a questão do erro, "incorporada como fato rotineiro, quase naturalizado, desprezando em muitas ocorrências denunciadas pelas redes sociais, qualquer justificativa ou explicação." (LIMA; CAETANO, 2015, p. 74), cada vez mais comum no ambiente digital, assim como a efemeridade de opiniões e críticas. Mais do que nunca,

⁵ De acordo com essa Teoria da Comunicação, a mídia agenda os assuntos da opinião pública (MCCOMBS; SHAW, 1972).

⁶ Recurso para classificar informações baseadas em palavras-chave.

⁷ Informação fornecida por Rosental Calmon Alves no debate *Alternativas para um jornalismo em transformação* realizado no XIV Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo, em Curitiba, em setembro de 2016.

⁸ Informação fornecida por Eduardo Meditsch na palestra *A pesquisa em jornalismo e a crise do modelo* realizada no XIV Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo, em Curitiba, em setembro de 2016.

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

mostra-se importante e necessária a capacidade analítica dos futuros jornalistas na compreensão do mundo à sua volta, especialmente na confecção e organização de um emaranhado de informações muitas vezes conflituosas (VASCONCELOS, 2014, p. 117).

É nesse sentido que o virtual traz contínuos impactos ao jornalismo. Pavlik (2011, p. 94) ressalta que a tecnologia digital além de transformar o jornalismo em níveis múltiplos, trouxe também implicações profundas para a democracia, a destacar: 1) transtorno e inovação na indústria jornalística tradicional, levando a uma perda de jornalistas experientes e de organizações noticiosas; 2) divisão entre aqueles que têm e não têm acesso devido ao custo da tecnologia digital; 3) mensagens robustas, como sistemas de multimídia interativos que poderão melhorar a aquisição de conhecimento e aprendizagem; 4) transparência de governo por meio do acesso a fontes de informações na rede que fornecem o acesso ampliado aos registros públicos; 5) participação civil, possibilitada pela mídia interativa onde o público é ativo e participativo. Os apontamentos do autor culminam na reflexão acerca da crise no modelo de negócio do jornalismo, que segundo Meditsch (2016, p. 96), é fruto da perda de lucros das empresas. Muitos veículos de comunicação, ao priorizar a visão de negócios, configuram um modo de fazer jornalismo balizado nas métricas (audiência), estratégias institucionais e alcance de lucros, o que reflete diretamente no trabalho do jornalista. Na investigação realizada pela pesquisadora Fígaro (2013) com comunicadores de grandes empresas de comunicação brasileira, a autora destaca que o mercado de trabalho quer um profissional multiplataforma e com noções de marketing e de administração, “visto que se prioriza a visão de negócios/mercadoria já inserida no produto cultural, por meio do tratamento dados as pautas e a segmentação do público.” (FÍGARO, 2013, p. 14).

Diante de tais reflexões, é imprescindível discutir como a atividade jornalística e os processos de produção de notícia, cada vez mais informatizados estão sendo tratados pelas instituições de ensino de Jornalismo. Como Vasconcelos (2014), entende-se aqui que o domínio da técnica é apenas um dos elementos que envolvem a atividade jornalística no século XXI, que deve ser analisada e, sobretudo, articulada ao debate sobre as

responsabilidades dessa profissão. Segundo autores como Marques de Melo (2008) e Medistch (2012) a formação do jornalista passou por fases, desde o beletismo (valorização da formação intelectual clássica para o jornalista) ao tecnicismo (valorização do ensino técnico profissional, baseado na expansão das empresas de televisão a partir da década de 1960). Consideravelmente recente, uma vez que os primeiros cursos de Jornalismo no país surgem a partir dos anos de 1950 e atingem todo o território nacional apenas no início dos anos 2000, esses passam por uma nova mudança, com a implantação das Novas Diretrizes Curriculares, que separam as habilitações do curso de Comunicação Social, em três cursos distintos, o de Jornalismo, o de Publicidade e Propaganda e o Relações Públicas. São estas diretrizes que orientam a partir de agora toda a formação do profissional jornalista brasileiro, como será abordado a seguir.

3 A FORMAÇÃO DO JORNALISTA SEGUNDO AS NOVAS DIRETRIZES CURRICULARES

A Resolução número um, de 27 de setembro de 2013, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, que devem ser observadas pelas instituições de ensino superior de todo o Brasil em sua organização curricular. No seu artigo quarto, prevê que o projeto pedagógico dos cursos de Jornalismo deve observar como indicativo a formação de profissionais com competência teórica, técnica, tecnológica, ética, estética para atuar criticamente na profissão, de modo responsável. Diz em seu inciso III, que esta formação deve também orientar a formação teórica e técnica para as especificidades do Jornalismo, com grande atenção à prática profissional, dentro de padrões internacionalmente reconhecidos, comprometidos com a liberdade de expressão, o direito à informação, a dignidade do exercício profissional e o interesse público. No inciso V deste mesmo artigo, a resolução enfoca que os cursos devem ter uma preocupação com a tecnologia ao propor que devem “preparar profissionais para atuar num contexto de mutação tecnológica constante no qual, além de dominar as técnicas e as ferramentas contemporâneas, é preciso conhecê-las em seus princípios para transformá-las na medida das exigências do presente.” No inciso VI, reitera que tais cursos devem ainda ter como horizonte profissional o

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

ambiente regido pela convergência tecnológica, em que o jornalismo impresso, embora conserve a sua importância no conjunto mediático, não seja a espinha dorsal do espaço de trabalho, nem dite as referências da profissão.

No Artigo 5º a resolução define o perfil visado para o concluinte do curso de Jornalismo:

Deve estar apto para o desempenho profissional de jornalista, com formação acadêmica generalista, humanista, crítica, ética e reflexiva, capacitando-o, dessa forma, a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, capaz de responder, por um lado, à complexidade e ao pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporâneas e, por outro, possuir os fundamentos teóricos e técnicos especializados, o que lhe proporcionará clareza e segurança para o exercício de sua função social específica, de identidade profissional singular e diferenciada em relação ao campo maior da comunicação social.

210 | Para atingir esse propósito, as diretrizes curriculares entendem que o curso de Jornalismo deve ser capaz de desenvolver no aluno competências gerais – de compreensão do seu papel na realidade, de expressão clara de suas ideias, de capacidade de trabalhar em equipes multifuncionais, entre outras; cognitivas, para conhecer a construção histórica e os fundamentos da cidadania, para discernir lógicas de funcionamento das instituições, entre outras; pragmáticas, que lhe permita contextualizar e explicar as informações relevantes e, finalmente, comportamentais, para entre outras ações, “exercer, sobre os poderes constituídos, fiscalização comprometida com a verdade dos fatos, o direito dos cidadãos à informação e o livre trânsito das ideias e das mais diversas opiniões.” Na sequência, a resolução aponta que o currículo desse curso de Jornalismo deve ter conteúdos que atendam a seis eixos de formação: humanística, eixo de formação específica, de fundamentação contextual, de formação profissional, de aplicação processual e, finalmente, de prática laboratorial.

Para Mattos (GALLAS, 2014⁹), as diferenças trazidas por essas novas diretrizes são decorrentes das mudanças tecnológicas da sociedade. Sua

⁹ Entrevista *Os desafios das novas diretrizes do curso de Jornalismo* com Sérgio Mattos, concedida a Luciano Gallas. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527399-os-desafios-das-novas-diretrizes-do-curso-de-jornalismo-entrevista-especial-com-sergio-mattos>>. Acesso em: 26 maio 2016.

proposta visa capacitar o aluno a atuar como produtor intelectual e agente da cidadania, dando conta, por um lado, da complexidade e do pluralismo característicos da sociedade e da cultura contemporânea e, por outro, dos fundamentos teóricos e técnicos especializados.

O autor aponta que, de acordo com dados do Ministério da Educação, existem 546 cursos de Jornalismo no Brasil, dos quais 463 são oferecidos por instituições privadas. Na sua opinião existem cursos que primam pela qualidade, mas isso não acontece com a maioria deles, o que torna urgente uma mudança geral e um processo de avaliação mais rigoroso para o funcionamento desses cursos. Mattos (GALLAS, 2014) acredita que a proposta dos eixos de formação vá diminuir o grande desequilíbrio hoje existente entre as disciplinas teóricas e práticas. Para Mattos, a formação do jornalista deve focar o interesse público e a defesa da liberdade de expressão, "porque o Jornalismo, como espaço público de debates, tem que cumprir um papel cada vez mais importante nos processos sociais, atuando como suporte na construção da democracia." (GALLAS, 2014).

Questionado sobre o impacto das redes sociais e da internet na produção e no conhecimento jornalístico, Mattos (GALLAS, 2014) diz:

Na produção jornalística, a tecnologia digital agilizou também a apuração de pautas devido ao acesso à informação proveniente de múltiplas fontes. Da mesma forma que a prática jornalística vem sendo atingida pelas tecnologias digitais, devido às possibilidades de interatividade e participação dos cidadãos, o ensino de Jornalismo também já começa a sentir os efeitos, apontando para a necessidade dos cursos de Jornalismo repensarem a forma como devem habilitar seus alunos dentro desse novo contexto.

Diante de tais apontamentos, o próximo item dedica-se a análise do impacto do ensino de jornalismo no dia a dia profissional nas redações online e a configuração das atuais perspectivas jornalísticas das versões brasileiras e francesa do portal de notícias digital *The Huffington Post*.

4 AS REDAÇÕES BRASILEIRA E FRANCESA DO THE HUFFINGTON POST

O *HuffPost Brasil* e *Le Huffington Post* (França), representando edições internacionais do *The Huffington Post* (site de notícias americano fundado em 2005 por Arianna Huffington e Kenneth Lerer), objeto de estudo da pesquisa de

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

cooperação internacional, foram analisados em dois momentos. A primeira etapa da pesquisa realizou-se em 9 de novembro de 2015 na redação do HP Brasil, localizada em São Paulo na sede da *Editora Abril*,¹⁰ empresa com a qual o portal está associada. Posteriormente, o estudo foi realizado na sede francesa, em Paris, no dia 5 de abril de 2016. Para apuração de dados, foram aplicados formulários e entrevistas aos jornalistas e editores-chefes das respectivas redações.

A começar pelos dados levantados no Brasil, a equipe de redação formada por 14 jornalistas (entre 21 e 30 anos), está alocada em uma grande sala, onde todos ocupam a última mesa e sentam um ao lado ou na frente do outro, inclusive o editor-chefe, o jornalista Diego Iraheta. Os repórteres estão distribuídos nas editorias de *Ciência e Saúde, Comportamento e Mulher, Economia, Esporte e Cultura, Mundo e Política*. A equipe conta também com três editores de notícias, blogs, mídias sociais e tendências. Há também um designer e editor de vídeos, um moderador de comentários e dois estagiários. Já a redação do *Le Huffington Post* (associada ao *Le Monde*¹¹) é consideravelmente maior, formada por 30 integrantes - 23 jornalistas e sete profissionais de vídeo - além da participação de blogueiros e quatro jornalistas mais experientes responsáveis por temáticas específicas.

O perfil dos profissionais, de ambas as redações visitadas, é predominantemente jovem. Iraheta (2015) é taxativo: "60% dos nossos leitores têm entre 18 e 34 anos e percebemos que esse público confia na internet. Nós fazemos um jornalismo de internet, com aspectos, características e linguagem de internet." Já o diretor de redação do *Le Huffington Post*, Paul Ackermann (2016), diz haver uma preferência por "jornalistas très internet", para fazer menção aos profissionais habilidosos em redes sociais e aplicativos de *smartphones*. Segundo o diretor, estagiários das Escolas de Jornalismo, as chamadas Écoles du Journalisme, têm prioridade frente aos profissionais mais antigos, por se adaptarem facilmente à metodologia aplicada pelo veículo, de produzir e distribuir informação na internet.

Embora a pesquisa feita com os jornalistas por meio de formulários

¹⁰ Editora brasileira, sediada na cidade de São Paulo, parte integrante do *Grupo Abril*.

¹¹ Jornal francês sediado em Paris, França.

aponte que cerca de 90% deles afirmem ter recebido uma boa formação nos seus cursos de graduação, 80% reconhece que ao chegar à redação do HP Brasil sentiram-se despreparados. Alguns justificaram que tiveram poucas aulas práticas, já outros alegaram que se aprende a fazer jornalismo de internet somente no dia a dia de trabalho, e não na universidade. Na opinião de Iraheta (2015) isso ocorre porque as faculdades de Jornalismo ainda privilegiam o preparo do jornalista para atuar nas mídias tradicionais: jornal, rádio e televisão. Para suprir essa deficiência prática no dia a dia de trabalho, os jornalistas passam por treinamentos na própria redação, apesar de o editor afirmar que os que chegam a ser contratados o são porque já entendem muito bem o universo das plataformas digitais e mídias sociais.

Em relação aos aspectos do curso de Jornalismo considerados essenciais ao ensino e à atual prática profissional, os jornalistas destacaram temáticas relacionadas à formação humanística – a ética, a cultura, a educação, a pluralidade, o diálogo, a pesquisa – e à prática profissional – apuração das notícias e técnicas com diagramação e edição. Sobre as competências necessárias para atuar no HB, em geral as respostas versaram sobre proatividade, agilidade, flexibilidade, inovação, criatividade, versatilidade, conhecimento do funcionamento da internet, domínio das redes sociais e uso de *apps*, compreensão da curadoria de conteúdos e direitos autorais, precisão e boa execução de texto, realização de multitarefas, escrever textos leves e acessíveis, estar conectado, fazer apuração, edição de fotos e textos e ter conhecimento da língua inglesa. Percebe-se que as habilidades citadas são características que remetem a interatividade, a maior liberdade na produção dos conteúdos e o enfoque na estética e atratividade da notícia (com o predomínio de fotos, vídeos e animações).

Quanto à carga horária de trabalho, 50% dos jornalistas afirmou trabalhar mais horas diárias para interagir com o público no site ou nas mídias sociais, o que vai ao encontro da afirmação de Iraheta (2015) ao enfatizar que todos os integrantes da equipe de redação são também editores de *social media*, ou seja, os jornalistas devem também interagir com os leitores nas redes sociais. “Cada um é responsável por ir à sua própria matéria e acompanhar o *buzz* que acontece a partir da matéria e da postagem no *Facebook*.” Observa também

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

que os jornalistas são *homeros*, o que significa que todos atualizam sua matéria na *home*.

Mesmo diante de uma equipe jovem e mais familiarizada com os formatos de interação tecnológicos, os fatores do dia a dia profissional considerados desafiadores pelos próprios jornalistas do *HuffPost Brasil* – tempo restrito para a produção de conteúdo, interação com o público, atingir pessoas de perfis diferenciados e lidar com as novas tecnologias – sinalizam a necessidade desses profissionais em aprender a lidar com esse novo *modus operandi* do jornalismo, superando possíveis lacunas da própria formação.

A entrevista mostrou que o editor do HP Brasil tem clareza de que esse jornalismo de internet altera alguns princípios do jornalismo. O imediatismo é um deles, e passa a exigir uma maior interatividade: o jornalista tem que fazer a curadoria da notícia (sua análise mais articulada e aprofundada) e ao mesmo tempo estar atento para a necessidade de cobrir outras matérias. Muitas vezes o anúncio de um fato que não foi devidamente apurado, obriga o repórter a corrigi-lo. Iraheta (2015) relata que no HP Brasil não há o culto ao tempo real, que considera um desserviço ao jornalismo. Diz ele: “se pudermos dar a notícia antes de todo mundo, tudo bem, mas olha o tamanho da nossa redação, não se compara ao dos grandes jornais; nossa vocação é para a curadoria de conteúdo, um *over-flow* enorme de informação”. O editor explica que em sua redação procura contextualizar os fatos, ainda que isso tome mais tempo, procura mostrar o que realmente importa e vai atualizando os fatos à medida que os repórteres conseguem as informações.

Não há dúvidas de que a formação em jornalismo é fundamental para exercer a profissão e continua sendo requisito para contratação de profissionais em muitas empresas de comunicação, como acontece no *Huffington Post*. Para Ackermann (2016), as Escolas de Jornalismo tiveram uma evolução com relação à internet, mas o ensino ainda concentra disciplinas em temas como a grande imprensa e política internacional. O que falta na formação, verificadas na prática pelo *Le Huffington Post* e que se colocam como as maiores dificuldades dos recém-formados, é perceber como funciona a internet. “Reconhecer o que é confiável ou não, editar um título, publicar um vídeo, o que deve ser compartilhado nas redes sociais, ter uma leitura clara de todos os canais e

aplicativos que geram notícias.” (ACKERMANN, 2016).

É fundamental contextualizar a prática do portal francês e brasileiro, de um veículo em que o jornalista, praticamente não sai à rua para produzir uma matéria, ou apurar uma informação. Tudo é feito de dentro da redação, utilizando-se dos recursos tecnológicos disponíveis para falar com fontes e checar determinado acontecimento. Os relatos de Iraheta (2015) e Ackermann (2016) retratam uma prática recente da profissão, principalmente com o fortalecimento das redes sociais e de novos modelos de negócios para o jornalismo online. Uma prática em que a internet é utilizada como suporte para as publicações. Cabe então ao jornalista transformar o material bruto, já veiculado amplamente, em notícia, tendo em vista que a condição de profissional da comunicação permite, somente a ele, legitimar socialmente sua narrativa ao público.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo do trabalho do jornalista mostra-se cada vez mais impactado pelo universo digital e por suas implicações técnicas. O modo de fazer jornalismo sofreu mutações, novas práticas foram incorporadas à rotina diária das redações, exigindo outras habilidades e competências do profissional da comunicação do século XXI. Essa perspectiva aparece no resultado da pesquisa exposta neste artigo sob a ótica de um panorama atual da prática da profissão, do perfil do jornalista e do ensino de Jornalismo no Brasil, que em 2013, passou a seguir Novas Diretrizes Curriculares Nacionais.

A pesquisa teórica e de campo realizada nas redações brasileira e francesa do *Huffington Post*, permite algumas conclusões preliminares que serão amadurecidas no conjunto de trabalhos realizados pelo grupo de pesquisa internacional sobre as novas práticas jornalísticas e o impacto das novas tecnologias de informação no modo de fazer jornalismo. Por ora, conclui-se que à medida que as novas práticas jornalísticas se desenvolvem na mesma proporção que a expansão da internet, mais se evidencia a dicotomia entre a formação acadêmica e a prática profissional, tendo em vista que a graduação privilegia disciplinas com enfoque nas mídias tradicionais: impresso, rádio e televisão. Embora as Novas Diretrizes Curriculares estejam ainda em processo

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

de implementação nos cursos de graduação de Jornalismo de todo país, sinalizando a emergência de formar os jornalistas para atuar em ambientes regidos pela convergência tecnológica – dominando não apenas as técnicas, mas também seus princípios, para que aprendam a lidar com as novas demandas que surgem e se reinventam a cada dia – a pesquisa indica que na prática profissional o jornalista tem dificuldade em lidar com as ferramentas do universo online.

Os editores-chefes do *HuffPost Brasil* e do *Le Huffington* reconhecem que a graduação universitária é indispensável para exercer a profissão, mas que falta ao recém-formado sensibilidade para o jornalismo na internet. Mesmo priorizando a contratação de uma equipe jovem e familiarizada com o ambiente digital e com as novas tecnologias, ambos os portais oferecem treinamentos centrados no aperfeiçoamento e adequação desses profissionais aos novos dispositivos tecnológicos. Esse resultado coloca em destaque o eixo de formação de prática laboratorial, indicado nas diretrizes curriculares, como prioridade à adequação das grades curriculares dos cursos de jornalismo, já que os próprios jornalistas dizem sentir-se despreparados no dia a dia profissional, alegando terem tido poucas aulas práticas durante a formação acadêmica.

216 |


As práticas e os perfis dos jornalistas (mais jovens) descritos na pesquisa são próprios do processo jornalístico na internet, que se configura em uma velocidade tal que coloca o jornalista em contato com diferentes formas de produção da notícia, sem que perca a capacidade única em legitimar sua narrativa, evidenciando a importância da função do seu trabalho na cultura digital.

Os dados levantados na pesquisa dão conta de que a tecnologia, assim como a internet, mudaram a organização do trabalho nas redações, norteadas, agora, pelo tempo e espaços comprimidos. Funções desapareceram, produtos jornalísticos são produzidos de maneira diferente, diminui-se a reflexão sobre o que se escreve e adaptou-se a apuração, que passou a ser fragmentada. Exercer funções múltiplas tornou-se atividade comum ao jornalista digital, do webjornalismo (FERRARI, 2012; PRADO, 2011). Ele edita o conteúdo, estrutura a matéria com fotos e textos, faz o gerenciamento de mídia, acompanha a audiência da sua matéria nas redes sociais, tudo ao mesmo tempo, online e ao

vivo.

Convém destacar, portanto, que as transformações da profissão do jornalista constatadas por meio de práticas e habilidades inovadoras na era digital aparecem como desafio para o ensino e a aplicabilidade das Novas Diretrizes Curriculares, uma vez que o documento evidencia eixos estruturantes para o curso de Jornalismo tendo como principais atores o indivíduo e a sociedade, a integração entre teoria e prática e interação do aluno com a mídia e o público, possibilitando a estes profissionais a capacidade e a autonomia para enfrentar problemas do dia a dia de trabalho.

Além de as diretrizes orientarem a formação teórica e técnica para as especificidades do jornalismo, embasada na liberdade de expressão, direito a informação e interesse público, colocam também em destaque a importância da prática profissional para lidar com as mutações, permanências e desdobramentos da profissão. Sob esse ponto de vista, os cursos de Jornalismo enfrentam o desafio de preparar um profissional/jornalista multimídia, que vai encontrar uma redação transformada e adaptada tecnologicamente, que produz conteúdos digitais para canais de veiculação diversos.

Uma nova cultura jornalística está nascendo, com mudanças e inovações ao modelo tradicionalmente ensinado nos bancos acadêmicos. Embora as novas diretrizes indiquem as competências que o jornalista deve ter como profissional da comunicação, incluindo o que concerne ao ambiente digital, nota-se que as lacunas na formação acadêmica suscitam implicações na prática profissional e que essa dicotomia gera tensões constantes entre o mercado e a academia. No entanto, é preciso perceber as mudanças constantes pelas quais passa a profissão e entendê-las como reflexos do tempo e do espaço presente, considerando, simultaneamente o papel preponderante que o ensino de jornalismo representa ao exercício da profissão. 

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, Paul. **Entrevista Paul Ackermann** [abr. 2016]. Entrevistadores: Luis Otávio Dias, Solange Kurpiel. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em:

Os desafios do ensino e o impacto da era digital nas novas práticas jornalísticas

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 5 set. 2016.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FÍGARO, Roseli (Org.). **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

GALLAS, Luciano. Os desafios das novas diretrizes do curso de Jornalismo. Entrevista especial com Sérgio Mattos. **IHU On-line**, 21 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/527399-os-desafios-das-novas-diretrizes-do-curso-de-jornalismo-entrevista-especial-com-sergio-mattos>>. Acesso em: 26 maio 2016.

GUZZO, Fernanda. **Curadoria no jornalismo: plataformas, algoritmos e a prática profissional**. 2012, 63 f. Monografia (Especialização em Gestão Integrada da Comunicação Digital para Ambientes Corporativos) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

IRAHETA, Diego. **Entrevista Diego Iraheta** [mai. 2015]. Entrevistadores: Aline Tainá Amaral Horn, Luis Otávio Dias, Rosa Maria Dalla Costa. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2015.

218

LIMA, Myrian; CAETANO, Kati. Implicações epistemológicas da pesquisa sobre novas práticas jornalísticas: por onde começar? **Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, jul./set., 2015. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/19898/13245>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

MARQUES DE MELO, José. **História do jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual**. São Paulo: Paulus, 2012.

MCCOMBS, Maxwell E.; SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media. **The Public Opinion Quarterly**, Oxford, v. 36, n. 2, p. 176-187, jun./set. 1972. Disponível em: <https://www.unc.edu/~fbaum/teaching/PLSC541_Fall06/McCombs%20and%20Shaw%20POQ%201972.pdf>. Acesso em: 20 set. 2016.

PAVLIK, John V. A tecnologia digital e o jornalismo: as implicações para a democracia. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 94-118, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/340>>. Acesso em: 20 set. 2016.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 1-21, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/153/154>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

VASCONCELOS, Fábio. O “fazer notícia” como percurso de ensino: teoria e prática segundo a percepção do jornalismo como atividade pública. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder; ASSIS, Francisco de; ANTONIOLI, Maria Elisabete (Orgs.). **Desafios do jornalismo: novas demandas e formação profissional**. Curitiba: Appris, 2014.